

instituição

UBI debate papel das universidades Empreender o Interior

Responsáveis por universidades portuguesas e espanholas, localizadas no interior da Península Ibérica analisaram a importância destas instituições no crescimento das áreas onde estão inseridas. No seminário que teve lugar na UBI voltou a falar-se em empreendedorismo.

Eduardo Alves



Portugueses e espanhóis debateram o empreendedorismo

A UBI tem um peso de seis por cento no PIB da Cova da Beira e dois valores percentuais a nível da Beira Interior. Estes foram alguns dos indicadores apresentados no dia 2 de Dezembro, no colóquio sobre "Empreendedorismo e Inovação, missão da Universidade para o desenvolvimento regional". Mário Raposo, vice-reitor da UBI foi o anfitrião deste seminário que juntou representantes da Universidade de Salamanca e também da Extremadura.

Um encontro que serviu para apresentar os primeiros resultados das observações que estão a ser feitas no âmbito do projecto que junta quatro instituições do Ensino Superior localizadas no interior da Península Ibérica. Nesta iniciativa, encabeçada pela UBI, participam também as universidades de Évora, de Salamanca e da Extremadura. Um dos pontos fundamentais "passa exactamente por medir a importância e a capacidade de transformação que as instituições desta natureza têm nas regiões do interior dos dois países ibéricos", explica Mário Raposo.

Declarações que vão de encontro às ideias de Ricardo Hernández, docente na Universidade da Extremadura e coordenador das equipas regionais espanholas de empreendedorismo. No entender de Hernández, "os líderes políticos têm de olhar para as universidades como motores de transformação das sociedades". Este especialista em empreendedorismo dá o exemplo da região onde reside e onde trabalha. Segundo o mesmo, a Extremadura espanhola, logo após a criação de uma universidade e de um governo regional, "que apoia de forma marcante os projectos da instituição de Ensino", conheceu "um crescimento económico extraordinário". Tal facto,

na perspectiva de Ricardo Hernández, fica a dever-se "à aplicação das ideias que surgem na universidade, no mercado de trabalho, no tecido económico, nas empresas locais". Para este docente, "as ideias que surgem no seio da universidade são colocadas em prática naquela zona do país". Daí que a instituição do Superior seja encarada como "o motor da economia".

Menos burocracias e mais capital de risco

A criação de uma empresa, "ainda está envolta em muitas burocracias". No entender de Mário Raposo, "o nosso País, se quer evoluir nesta matéria, tem de mudar rapidamente". Isto porque os projectos que agora surgem através de incubadoras de empresas e parques de ciência e tecnologia como o Parkurbis, "encontram ainda bastantes entraves à sua criação". Hoje um jovem empreendedor "tem de perder muito tempo e vencer muitas burocracias, para conseguir dar continuidade aos seus projectos". Desta forma, o vice-reitor da UBI defende uma desburocratização "e um melhor acesso ao capital de risco". Outro dos pontos focados no encontro prende-se com as abordagens económicas feitas pela Comunicação

Social. "Se uma empresa encerrar e lançar no desemprego 50 pessoas, isso é notícia de destaque", o mesmo parece não acontecer, segundo Mário Raposo "se uma empresa é criada e com ela se criam 50 ou cem postos de trabalho".

Pablo Gallego, docente e responsável pelos projectos de empreendedorismo na Universidade de Salamanca sublinhou também a importância "dos jovens com projectos viáveis" terem acesso a capital de risco para concretizar as suas ideias. Segundo este docente "este tipo de apoio deveria de surgir de forma mais simples". Isto porque, na óptica deste investigador, "muitos jovens saem das universidades com projectos de empresas bastante viáveis, mas acabam por não arriscar em criar o seu próprio negócio porque desconhecem as formas de conseguir apoio e têm receio da burocracia excessiva".

Segundo este responsável, os resultados que até agora estão a ser obtidos pelas quatro universidades do interior da Península Ibérica são já "bastante elucidativos". Gallego afirma que "todas as regiões têm nas suas universidades motores económicos e sociais". Daí que este docente avance mesmo com um pedido de "políticas de apoios específicos a estas instituições". No entender de Gallego, as universidades do interior "deviam de ser mais ajudadas que as do litoral".

Um dos convidados para este evento foi Roy Thurik, especialista holandês em empreendedorismo. Segundo este investigador, "o actual sistema europeu de ensino está caduco". Isto porque hoje, a carreira académica "dá mais importância ao trabalho de um docente publicado numa revista americana do que se este profissional encetar ligações a empresas, fomentar o espírito empreendedor nos alunos e aplicar metodologias de ensino mais práticas". Para Thurik, "o espírito empreendedor deve ser implementado desde tenra idade".



O anfiteatro encheu para assistir à iniciativa

ponto de vista

O Estudo da Nação

> Nuno Jerónimo

Os institutos nacionais de estatística de Portugal e Espanha produziram um relatório intitulado "A Península Ibérica em Números". Confesso a minha surpresa quando percebi que tal documento não era apenas um quadro surrealista onde o mapa da Península aparece desenhado, com imensos algarismos a formar o contorno geográfico do Sul da Europa. Pensei que pudesse também ser a demonstração de que Portugal e Espanha são afinal a Matrix e que o D. Sebastião em falta há para lá de cinco séculos não é nenhum dos políticos na estrada mas sim Keanu Reeves, o único que sabe realmente descodificar a sequência numérica da máquina a que estamos presos.

"A Península Ibérica em Números" tem a curiosidade de ter informação estatística e a grande novidade de esta ser relevante. O relatório perpassa importantes questões sociológicas, como a produtividade, a riqueza das regiões, a esperança média de vida, a escolaridade e a qualidade das sandes de courato. Se é verdade que os portugueses são mais pobres, produzem menos e frequentam menos a escola que os espanhóis, o relatório reconhece que a sopa de grão portuguesa é mais alimentícia que a dos nossos vizinhos. O relatório apresenta ainda assim algumas deficiências quando se trata de tratar a informação com mais detalhe. Por exemplo, quando diz que os espanhóis têm um rendimento superior aos portugueses, não refere moradas, números de telefone nem apresenta extractos bancários.

Detenhamo-nos agora num dos indicadores de que Portugal vence claramente a Espanha: despesa estatal com a educação. A educação nacional consome 5,8% do PIB português contra 4,4% do espanhol. Aliás, segundo um outro relatório da OCDE, Portugal é dos países da Europa que mais dinheiro gasta em percentagem do PIB na educação das suas criancinhas até ao fim do ensino secundário. Aparentemente, Portugal gasta muito mais do que a maioria dos países civilizados em Expos, Europeus e Escola. Curiosamente, tudo palavras começadas pela letra E, que também inicia as duas grandes exportações naturais dos portugueses para o mundo, a Emigração e a Estupidez. Este é o Portugal moderno dos três E's, em contraste com o Portugal salazarento dos três F's - Fátima, Fado e Futebol.

Os resultados dos investimentos têm o seu natural retorno. A Expo deixou o Pavilhão Multiusos onde os cantores espanhóis podem actuar ou a Estação do Oriente, do espanhol Santiago Calatrava. No Euro, um golo de Nuno Gomes eliminou a selecção espanhola. Na escola, a taxa de abandono em Portugal é muito maior que do outro lado da fronteira. Compensa, como se pode ver, gastar mais, para fazer com que mais depressa os rapazes e raparigas deixem a escola. Portugal forma tão bem os seus estudantes que muitos não vêem qualquer utilidade nas instituições educativas a partir dos 14 anos. Em Portugal há 49% dos jovens a concluir o ensino secundário e em Espanha 62%. O dinheiro que Portugal emprega na educação promove uma mobilidade estudantil rara na Europa - os alunos deixam a escola e nunca mais lá voltam. Países como o Japão, com taxas de conclusão do ensino secundário próximas dos 100%, vêm em Portugal um bom exemplo para os seus jovens, que passam demasiado tempo na escola, perdendo assim grande parte da adolescência com livros em vez de investirem em actividades mais lucrativas. O relatório demonstra que as famílias espanholas investem muito mais na educação dos seus filhos que as portuguesas, uma característica reveladora da ingerência paternalista dos adultos na vida das crianças.

Já o investimento do Estado em termos percentuais no ensino superior, segundo o mesmo relatório da OCDE, é dos mais pequenos da Europa. No entanto, este governo estabeleceu prioridades por ordem alfabética e a universidade vem bastante longe na lista. Antes há ainda a Ota, a produtividade, a qualidade, os reformados, o TGV e só depois então as universidades. Além do mais, as reclamações contra o desinvestimento na educação de nível superior são espúrias. Existe sim uma preocupação estratégica total. Por exemplo, o governo apoia linhas de crédito para compra de computadores portáteis. Ora é sabido que estes computadores mais leves provocam menos luxações nos ombros dos jovens rapazes e raparigas, que por sua vez não gastam tempo nem dinheiro nas urgências hospitalares, para além de ser mais difícil dar a velha desculpa de que a disquete em casa funcionava, na sala de aula é que já não. Como se vê, com uma única medida, o governo cuida da aprendizagem e da saúde pública. O Ministério dedicado ao Ensino Superior está também atento ao que sucede nos níveis inferiores. Se quanto mais dinheiro o Estado gasta, mais os alunos saem da escola, para as qualificações superiores inverte-se a fórmula. Para manter os jovens na universidade até à conclusão dos seus estudos, um objectivo nobre do Ensino Superior, deve gastar-se para os últimos graus de aprendizagem o mínimo possível. Também as famílias compreendem esta equação e os portugueses são, na Europa, dos que menos dinheiro gastam com a educação universitária dos seus filhos. É uma atitude compreensível, uma vez que o preço da gasolina e o Imposto Automóvel não param de subir e não é fácil manter um filho com carro a estudar numa universidade.